



RECORTES DE
LEDA CATUNDA



DVDteca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Recortes de Leda Catunda / Instituto Arte na Escola ; autoria de Marília de Oliveira Diaz ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 107)

Foco: LA-A-4/2006 Linguagens Artísticas

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-7762-000-X

1. Artes - Estudo e ensino 2. Artes plásticas 3. Materiais 4. Catunda, Leda I. Diaz, Marília de Oliveira II. Martins, Mirian Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

RECORTES DE LEDA CATUNDA

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autor deste material: Marília de Oliveira Diaz

Revisão de textos: Soletta Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

RECORTES DE LEDA CATUNDA

Ficha técnica

Gênero: Documentário a partir de depoimento da artista.

Palavras-chave: Linguagens híbridas; apropriação de imagens; pesquisa de outros meios e suportes; procedimentos técnicos inventivos; forma orgânica; diálogo com a matéria.

Foco: **Linguagens Artísticas.**

Tema: O trabalho da artista enfocando o hibridismo de sua linguagem plástica, seu processo de criação, a escolha de materiais e procedimentos.

Artistas abordados: Leda Catunda, artistas da Geração 80 (Leonilson, Nuno Ramos, Sérgio Romagnolo), Marcel Duchamp, Tom Wesselmann e Andy Warhol.

Indicação: A partir da 1ª série do Ensino Fundamental.

Direção: Amílcar Monteiro Claro.

Realização/Produção: Rede SescSenac de Televisão, São Paulo.

Ano de produção: 2001.

Duração: 23'.

Coleção/Série: *O mundo da arte.*

Sinopse

O documentário, gravado na casa-ateliê de Leda Catunda, mescla obras, processo de criação, materiais expressivos, falas da artista e da narradora. No primeiro bloco, Leda Catunda lembra a avó que costurava e argumenta como esse fazer se tornou ferramenta indispensável ao seu trabalho que ganha visibilidade com a chamada Geração 80. A artista mostra suas apropriações de imagens no segundo bloco, seus hábitos de trabalho e projetos. Adepta da experimentação, Leda Catunda fala, no último bloco, sobre sua pesquisa de materiais, cita a

rua como tema inesgotável, bem como a memória, que passam a ganhar novas dimensões em sua linguagem híbrida.

Trama inventiva

Falar sem palavras. Falar a si mesmo, ao outro. Arte, linguagem não-verbal de força estranha que ousa, se aventura a tocar assuntos que podem ser muitos, vários, infinitos, do mundo das coisas e das gentes. São invenções do persistente ato criador que elabora e experimenta códigos imantados na articulação de significados. Sua riqueza: ultrapassar limites processuais, técnicos, formais, temáticos, poéticos. Sua ressonância: provocar, incomodar, abrir fissuras na percepção, arranhar a sensibilidade. A obra, o artista, a época geram linguagens ou cruzamentos e hibridismo entre elas. Na cartografia, este documentário é impulsionado para o território das **Linguagens Artísticas** com o intuito de desvendar como elas se produzem.

O passeio da câmera

Objetos, esculturas moles, aquarelas, desenhos. Sobreposições, gotas, barrigas, línguas, entrelaçamento. A câmera nos aproxima das obras de Leda Catunda que nos contam sua história, seu processo de criação, sua experimentação e inquietude constante. De perto, podemos ver as várias linguagens artísticas utilizadas e o hibridismo que as mesclam. Também perceberemos a apropriação de imagens retiradas do cotidiano.

Em sua casa-ateliê, Leda Catunda relembra sua avó, a participação na famosa exposição *Como vai você, Geração 80?* e nos apresenta o seu percurso de experimentação.

O documentário foi alocado no território das **Linguagens Artísticas**, pois a partir dele podem ser criadas proposições pedagógicas que focalizem linguagens híbridas, já que Leda Catunda mescla pintura, colagem, escultura, apropriações de imagens, corte e costura. Outros territórios podem ser vistos no mapa potencial.



Sobre Leda Catunda

(São Paulo/SP, 1961)

A receita para me deixar louca é você me dar uma tela branca. Eu, realmente, não tenho nenhum assunto para aquilo.

Leda Catunda

Na atenta coleta sensorial, Leda Catunda captura as imagens do mundo, da vida cotidiana. Um vestido com estampa de *Mickeys*, as imagens da novela na tv, os personagens de histórias em quadrinhos, as estampas de cortinas de banheiros, de tapetes, ou a qualidade dos tecidos, são pontos de partida para a sua criação e apropriação: imagens de beleza excessiva que beiram o cafona, o *kitsch*.

Durante o curso de artes plásticas, convive com mestres como Walter Zanini, Nelson Leirner, Regina Silveira e Julio Plaza e realiza, em 1983, sua primeira exposição *Pintura como meio* no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP. Formada em 1984, a artista se interessa pela banalização das imagens, muitas vezes estereotipadas, sem autoria identificada, como também por sua desconstrução, usando vedações para encobrir parte das imagens, criando um novo diálogo com formas e matérias.

As relações puramente narrativas dos primeiros trabalhos vão sendo alteradas pelo humor refinado, irônico, pela irreverência, crítica e preocupações plásticas. As figuras passam a ser destacadas com a pintura do fundo, na constante discussão figura-fundo.

Com aquários construídos a partir de cortinas plásticas de banheiro, Leda Catunda participa da exposição *Como vai você, Geração 80?*¹ promovida pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage², em 1984. Essa exposição consolida sua carreira e dá visibilidade ao seu trabalho, exposto em seguida nas Bienais de Havana e São Paulo. Sua carreira se estende à docência e à criação de ilustrações em livros.

A busca constante por novos suportes, por materiais não convencionais faz com que objetos caseiros ganhem nova dimensão. Nas assemblages, lida com o óbvio, com imagens

previsíveis, porém de forma inusitada, por exemplo, ao sobrepor vestidos, camisetas e meias.

Com Ana Maria Tavares, Sérgio Romagnolo e Mônica Nador realiza a exposição *Arte híbrida*. Desejam “uma pintura que funcionasse como veículo de um pensamento mais conceitualizado, mais crítico, mais organizado do que uma simples pintura expressionista”.

Em seu percurso de experimentação, Leda Catunda se atém às formas construídas com tecidos, colchas, edredons e similares, encontrando a “espessura” e a “densidade”. Entre os limites da pintura e do objeto, do bi e do tridimensional, pela força da materialidade dos suportes utilizados, Leda diz: “Eu, na verdade, não me interesso muito pelo bem acabado, afinal o mundo já é uma tentativa de bom acabamento. Não deu nada certo, não está dando certo”.

As ressonâncias dos ready-made de Marcel Duchamp e da pop art, as apropriações de imagens impressas, a crítica às imagens de beleza excessiva que beiram o cafona estão presentes em suas obras e em seu pensamento.

Considerando a rua, bem como a memória, como temas inesgotáveis, as lembranças, os objetos do entorno que passam a ganhar novas dimensões e texturas, Leda Catunda comenta: “Você nunca enxerga o que você realmente fez. Você enxerga o que você fez mais tudo o que você pensou junto”. E ensina o que aprendeu com outros artistas: “Você abre a porta e aí você olha. Nos dez primeiros segundos você tem uma sensação, você enxerga. Depois você começa a colar no trabalho toda a sua ideologia”. Aconteceria o mesmo com os fruidores?



Os olhos da arte

Evocar uma lembrança assim. Sabe quando você sente um cheiro que te lembra uma coisa, uma situação e tal? Às vezes eu penso que assim no trabalho você pode ver uma coisa e pela aquela textura do voal ou pela maciez do veludo você pode ser remetido para uma sala de teatro. Veludo assim como uma cortina de teatro, voal como uma roupa que você teve um dia...

Leda Catunda

Evocar lembranças, falar sem palavras, falar a si mesmo e ao outro. A linguagem da arte fala por outros meios, a língua do artista que elabora, inventa e experimenta códigos imantados na articulação de significados. Um alfabeto de cores e formas, matérias e relações que nos provocam significações. Memórias, idéias, a vida cotidiana ressoando por meio da obra.



Leda Catunda - *Mosca*, 1994
Couro, acrílica s/ tecido e tela, 168 x 107 cm
Coleção Particular - Cortesia Galeria
Fortes Vilaça, São Paulo

Na poética pessoal de Leda Catunda, as linguagens da arte se mesclam. Pinturas, na tradição, são bidimensionais, têm altura e largura. Mas essa artista insere volume. Seu trabalho ganha espaço, volume e espessura, quer seja pelo material utilizado, quer seja pelos procedimentos empregados. Dessa maneira, ultrapassa a base do plano, da bidimensionalidade e lida com elementos mais dinâmicos, associando volume à cor. Entretanto, os volumes são projetados do plano, não oferecendo ao espectador a plenitude da tridimensionalidade, pois eles continuam fixos, não permitem o caminhar ao redor.

Para o curador e crítico de arte Agnaldo Farias³, a artista tem ampliado o campo de sua poética:

Seus pinturas passaram-se a despojar-se das figuras, ou mesmo da integridade formal que fazia do material que lhe servia de suporte um objeto reconhecível. Em seu lugar, Leda Catunda passou a experiên-



Leda Catunda - *Xica, a gata e Jonas, o gato*, 1984

Acrílica s/ tecido e luz, 140 cm cada - Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro/ Gilberto Chateaubriand - Cortesia Galeria Fortes Vilaça, São Paulo

cias mais concentradas nos mesmos materiais, tirando partido de suas propriedades, suas tramas e texturas, suas cores, sua flexibilidade. Aspectos que lhe permitiram elaborar obras mais sugestivas, às vezes nem pinturas, nem esculturas, isto é, nem planos fixados em paredes, nem volumes colocados no espaço. Trabalhos híbridos, com matéria familiar, mas apresentada em formas insuspeitadas.

Já não é possível definir com precisão o limite entre pintura, escultura, assemblage em muitas obras de artistas contemporâneos que, como Leda Catunda, tornam esses limites líquidos, as linguagens híbridas e as definições sempre provisórias.

Como uma arqueóloga de imagens, podemos estabelecer relações com as obras de artistas da pop art e de artistas que, como ela, se apropriam de imagens, embora com intenções muito diversas como Jeanete Musatti, Adriana Varejão, Vik Muniz⁴, entre outros. “No mundo tão entupido de imagens” como diz Leda Catunda, ela nos convoca a olhar para além da aparência.

O passeio dos olhos do professor

Convidamos você a ler este documentário antes de planejar sua ação. Um diário de bordo, para registrar os rumos trilhados, pode ser iniciado utilizando a escrita, o desenho, a colagem. A pauta do olhar que sugerimos pode ajudá-lo nesse registro inicial, consultada antes ou depois de assisti-lo.

- O que o documentário desperta em você?
- Quais materiais não convencionais são utilizados pela artista?
- Como você vê as formas orgânicas inseridas em sua obra?
- Quais obras chamam sua atenção? É possível perceber uma poética? Coerente ou repleta de rupturas?
- Como poderiam ser aproveitados na sala de aula o humor e a irreverência demonstrados por Leda Catunda em sua trajetória?
- O que você imagina que os alunos gostariam de ver no documentário? O que causaria atração ou estranhamento?

Ao rever as anotações, a sua percepção e análise singular se revelam. A partir desses registros e da escolha do foco de trabalho, quais questões você incluiria numa pauta do olhar para o passeio dos olhos dos seus alunos por este documentário?

Percursos com desafios estéticos

No mapa potencial, você pode visualizar diferentes trilhas. Pelas brechas do documentário, sugerimos possíveis percursos de trabalho impulsionadores de projetos para o aprender-ensinar arte, para você recriar, transformar e inventar.

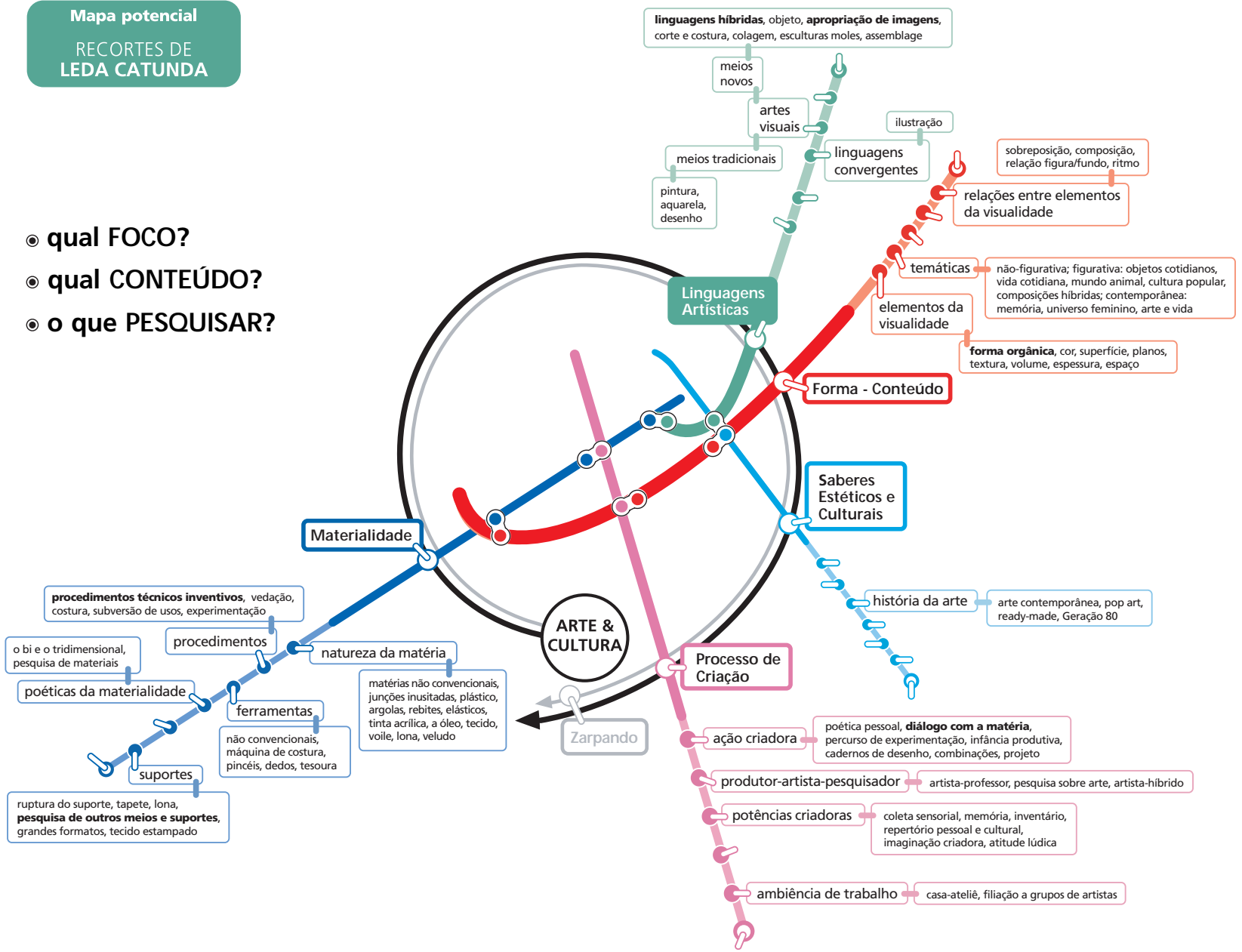
O passeio dos olhos dos alunos

Algumas possibilidades:

- Você pode iniciar a conversa sobre o documentário, exibindo um trecho em que apareça a artista costurando. Repita

Mapa potencial
RECORTES DE
LEDA CATUNDA

- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?



essa operação para que possam vê-la em ação. Problematicize o uso da máquina de costura como ferramenta de uma artista plástica. O que eles acham que ela produz? Levante hipóteses e só depois exiba o primeiro bloco do documentário. Quais aspectos despertam a curiosidade de seus alunos?

- Tecidos de várias qualidades podem ser trazidos para a classe. O que os alunos poderiam inventar com eles? Você pode levar alfinetes e fita crepe para que montem alguns objetos ou façam pequenos painéis. Uma leitura das produções pode prepará-los para assistir ao trecho do documentário em que a artista diz ter encontrado três situações com as formas moles – formas volumosas, tecidos moles, formas acopladas. O que os alunos gostariam de saber sobre as produções de Leda Catunda?
- Que animais seus alunos desenham? A leitura desses desenhos pode ser o mote para apresentar a obra de Leda Catunda, iniciando pela imagem da gata Chica e da obra mostrada no terceiro bloco.

As sugestões apresentadas podem gerar outras. Tudo isso faz sentido sempre que, após a exibição, uma conversa leve à socialização da apreciação do documentário, animada pelas ações expressivas anteriores e pelas problematizações possíveis para a continuidade do projeto.

Ampliando o olhar

- Pode ser provocativo para a percepção dos alunos trabalhar questões sobre a forma e as relações figura-fundo na contemporaneidade. Para isso, você pode exibir o trecho do segundo bloco do documentário, quando se vê Leda Catunda criando uma pequena obra, sobrepondo formas. Segundo Wong⁵:

a forma é geralmente apreendida como ocupando um espaço, mas também pode ser vista como um espaço ocupado. Quando é percebida como ocupando um espaço, nós a chamamos forma positiva. Quando é percebida como um espaço vazio circundado por espaço ocupado, nós a chamamos forma negativa.

Essa relação pode se alterar, pois, em determinadas situações, o que era entendido como forma positiva pode ser visto como forma negativa. Seria interessante que você oferecesse oportunidades para que os alunos experimentassem essas relações. A colagem é uma linguagem que pode facilitar a experimentação, especialmente na inversão de formas a partir da mesma composição.

- © A maneira lúdica como Leda Catunda trabalha pode ser ampliada com a apresentação de obras⁶ criadas pelos irmãos Campana, como a poltrona recoberta com bichos de pelúcia, ou com os bichos de Lygia Clark. Uma coleção de insetos, um arquivo com fotos de barrigas ou substâncias moles podem ser provocadores. O acesso a essas obras e imagens instigará os alunos à criação? O que eles poderiam criar com meias de nylon de mulher recheadas com materiais diversos ou cobrindo móveis da sala de aula?
- © Bichos podem se tornar um bom pretexto para que os alunos investiguem o que é a percepção do mundo, da realidade, e o espaço da imaginação criadora, reveladas pelas linguagens artísticas. Além de levar os alunos ao Jardim Zoológico ou entrar em contato com as obras já citadas, pode ser interessante apresentar o livro de Sylvia Orthof⁷: *Os bichos que tive*. As suas histórias sobre rã, coelho, gata, elefante e até bicho carpinteiro, bicho de pé e bicho papão, podem oportunizar o lúdico, a criação. Transcrevemos um trecho da história de sua gata Clementina. Como poderia ser a continuação da história?

Clementina, a gata

Clementina era uma gata de telhado, dessas gatas listradas. Vivia namorando, miando e tendo gatinhos. Mas era mais pra namoradeira, do que pra mamadeira, quer dizer: não cuidava muito bem dos filhotes. Vivia esquecendo de dar de mamar. Ainda bem que Bobby cuidava! Bobby também era basset, da mesma raça da Sua Avó. Se você não leu a história de Sua Avó, bem feito, vai pensar que estou falando de Pessoa de sua família, Deus que me livre! É que Sua Avó era o nome de um cachorro que tive, quando menina, da mesma raça de Bobby, que tive quando meus filhos eram meninos. Bobby cuidava dos gatinhos de Clementina. Só não dava de mamar, por motivo de Bobby ser macho. Mas mãe como Bobby nunca vi igual!

- © Imagens de outros animais – extintos, que vivem sob a terra, que fazem tocas, invertebrados, que vivem na água, pesados, pequenos, peludos, ferozes, aqueles que voam e outros – podem ser relacionadas com brinquedos, imagens retiradas da vida cotidiana e mesmo imagens de animais de estimação, que podem ser trazidos para a classe. Pesquisar pesos, cores e formas pode ser enriquecedor e levar os alunos à criação, experimentando outros materiais como massa de pão ou biscoito, formas de bichos para fazer gelatina (e depois fazer um lanche feliz) ou fazer animais com papelagem⁸.

Conhecendo pela pesquisa

- © No documentário, Leda Catunda nos mostra como a mesma idéia (insetos, gotas) se transforma com o uso de materiais diferentes, e como projetos em colagens, desenho ou aquarela se transformam em obras. Como os alunos poderiam transformar desenhos já feitos em seus cadernos em novas obras com outros materiais?
- © Uma pesquisa sobre materiais moles e suas possibilidades construtivas pode ser iniciada com um contrato verbal com os alunos: todos serão pesquisadores e tudo o que for descoberto deverá ser registrado e socializado. Busque outros artistas que trabalharam com essa temática, como Lygia Clark e seus *Trepantes*, ou conte a história de Magritte⁹, que em sua infância viu cair sobre sua casa um aeróstato (balão) que envolveu todo o espaço com o tecido mole sem ar.
- © As barrigas, os insetos, as gotas e outros volumes, podem gerar uma pesquisa sobre as relações cheio/vazio e as possibilidades de materiais. A construção de estruturas com sacos plásticos cheios de ar acoplados uns aos outros ou com panos velhos, como cortinas puídas, lençóis recheados com paina, penas ou outros materiais leves, pode gerar intervenções no espaço da escola. Busque espaços inusitados para expor os resultados, como o beiral do telhado ou o corredor, gerando uma outra dinâmica de percepção. Com as crianças, crie a curadoria da exposição, com texto sobre

as intenções do trabalho, a autoria e o título. O documentário também pode ser exibido junto à exposição em horários marcados previamente. Uma entrevista com outros alunos da escola e seus profissionais, além dos pais, pode revelar o que ficou mais significativo.

- Um levantamento na sala de aula dos profissionais que utilizam a costura no seu dia-a-dia pode inserir a família na escola, ampliar o repertório dos alunos e estabelecer novas relações com o trabalho da artista. Mães, avós, funcionários da escola, pessoas da comunidade que saibam costurar podem ser convocadas, assim como pescadores ou médicos que também usam a costura em suas profissões. Diferentes tipos de costura, de agulhas (para pesca, sacaria, tecidos finos, grossos), máquinas manuais, elétricas, industriais podem ser pesquisadas.
- Um inventário de tipos de tecidos e como eles reagem a diversos tipos de tinta pode interessar os alunos para a experimentação, percebendo texturas, espessuras, transparências e opacidades, cores e padrões. O que podem inventar a partir dessa experiência?
- O que os alunos podem pesquisar sobre a pop art, os ready-mades e a Geração 80? Imagens de algumas obras podem instigá-los a procurar sobre os artistas que as criaram, tentando investigar mais os processos de criação vividos, as temáticas e as linguagens artísticas utilizadas, do que detalhes de suas vidas pessoais.
- Para pensar com os professores de sua escola: quais relações poderiam ser pensadas entre as imagens estereotipadas, utilizadas por Leda Catunda, e os desenhos estereotipados das crianças? Quais conexões interdisciplinares poderiam ser feitas?

Desvelando a poética pessoal

Uma série de trabalhos, feitos por cada aluno, possibilita a experimentação. Eles podem escolher entre pinturas sobre papéis ou tecidos já estampados (vedações), a construção de esculturas moles, ou colagens e assemblages com materiais não con-

vencionais. Um pequeno texto contando o que descobriram sobre a linguagem da arte deve acompanhar a série de cada aluno.

Amarrações de sentidos: portfólio

O portfólio, chamado por alguns de processofólio, permite criar relações com o conhecimento construído, envolvendo a arte e outras áreas do conhecimento.

A avaliação do processo do aluno pressupõe ter em mãos todos os indicativos da aprendizagem vivida no projeto. Nesse sentido, o portfólio pode ser tornar um ótimo indicativo, especialmente se cada aluno montar o seu, com tudo o que produziu e pesquisou, seguindo uma ordem cronológica, compondo uma narrativa ou iniciando com o que foi mais significativo.

Esses portfólios podem ser comentados com as crianças, com os pais, com a equipe pedagógica, aprofundando o processo de acompanhamento de cada criança.

Valorizando a processualidade

Houve avanços? O que os alunos percebem que aprenderam?

Uma conversa pode ser gravada, para que você possa pinçar as partes mais significativas do diálogo. Caso contrário, tenha sempre à mão papel para anotar os avanços e desafios vividos individual e coletivamente.

É momento também de você refletir como professor-pesquisador, a partir do seu diário de bordo. O que você percebe que estudou com este projeto? Quais novos achados para sua ação pedagógica foram descobertos nesta experiência? O projeto germinou novas idéias em você? O que você poderia buscar para os alunos na DVDteca Arte na Escola?

Glossário

Assemblage – “Termo cunhado em 1953, por Jean Dubuffet, denotativo de obras de arte elaboradas a partir de fragmentos de materiais naturais ou fabricados, como o lixo doméstico”. Volume construído em processo de colagem com diferentes materiais. Fonte: CHILVERS, Ian. *Dicionário Oxford de arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 32.

Esculturas moles – propriedades sensoriais, materiais flexíveis utilizados como suporte e aporte. Ao se referir às esculturas moles de Claes Oldenburg, a autora diz: "...a maciez das esculturas abala as convenções da estrutura racional, e suas associações, para o observador, atacam os pressupostos deste de que ele é o agente conceitual do desenvolvimento temporal do evento." Fonte: KRAUSS, Rosalind. *Caminhos da escultura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 274-276.

Kitsch – "...mentalidade e desejo caracterizados pela imitação, banalização, heterogeneidade de estilos, deterioração do gosto, facilidade de reprodução (cópia) e custos acessíveis a uma larga população urbana. Indica não apenas a reprodução seriada e a exibição privada de obras famosas (réplicas), como a elaboração de peças decorativas (incluindo suvenires) que mesclam ou imitam estilos antigos e novos com técnicas e materiais empobrecidos. Fonte: CUNHA, Newton. *Dicionário Sesc: a linguagem da cultura*. São Paulo: Perspectiva: Sesc São Paulo, 2003, p. 207.

Ready-made – "Obras com objetos preexistentes, apenas rearranjados e deslocados de seu meio original". O famoso ready-made, *A fonte*, foi criado por Marcel Duchamp em 1917. Fonte: CUNHA, Newton. *Dicionário Sesc: a linguagem da cultura*. São Paulo: Perspectiva: Sesc São Paulo, 2003, p. 207.

Bibliografia

- CALABRESE, Omar. *A linguagem da arte*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- CANTON, Katia. *Novíssima arte brasileira: um guia de tendências*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- CHIARELLI, Tadeu. *Leda Catunda*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- FARIAS, Agnaldo. Leda Catunda. In: _____. *Arte brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2002, p. 34-37. (Folha explica).
- GOMES FILHO, João. *Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma*. São Paulo: Escrituras, 2000.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- WONG, Wucius. *Princípios da forma e do desenho*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Bibliografia de arte para crianças

- BERDITCHEVSKY, Sura. *Amor de cão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CANTON, Katia. *Bicho de artista*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- _____. *O roubo dos arco-íris: uma fábula sobre as cores*. II. Leda Catunda. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LEITÃO, Mércia M.; DUARTE, Neide. *Em cena Rex: apresentando: vida de cachorro: um passeio pela obra de Ângelo de Aquino*. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 1996.

RIEDERER, Márcia. *Animais da nossa terra*. Florianópolis: Cuca Fresca, 2003.
SANT'ANNA, Renata; PRATES, Valquíria. *Lygia Clark: linhas vivas*. São Paulo: Paulinas, 2006.

Seleção de endereços de arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 01 nov. 2005.

CATUNDA, Leda. Disponível em: <www.fortesvilaca.com.br/artistas/leda_catunda>.

___ Disponível em: <<http://sergioeleda.sites.uol.com.br/pagina2limagens.html>>.

DUCHAMP, Marcel. Disponível em: <www.understandingduchamp.com/>.

LEONILSON. Disponível em: <www.projetoleonilson.com.br/site.php>.

MAGRITTE, René. Disponível em <<http://an.uol.com.br/2000/ago/05/0ane.htm>>.

MUSATTI, Jeanete. Disponível em: <www.museum.oas.org/virtual/artist_10.html>.

WARHOL, Andy. Disponível em: <www.warhol.org>.

WESSELMANN, Tom. Disponível em: <www.pitoresco.com.br/espelho/destaques/wesselman/wesselman.htm>.

Notas

¹ Há vários documentários sobre a Geração 80 na DVDteca Arte na Escola.

² A escola, que completa 30 anos em 2005, mantém-se como o principal núcleo brasileiro de formação em artes visuais, um fórum de reflexão e debate sobre os principais problemas da arte atual. Fonte: <www.annamarianiemeyer.com.br/eventos.htm>. Acesso em 30 ago. 2005.

³ Agnaldo FARIAS, *Arte brasileira hoje*, p. 36.

⁴ Há documentários sobre esses artistas na DVDteca Arte na Escola.

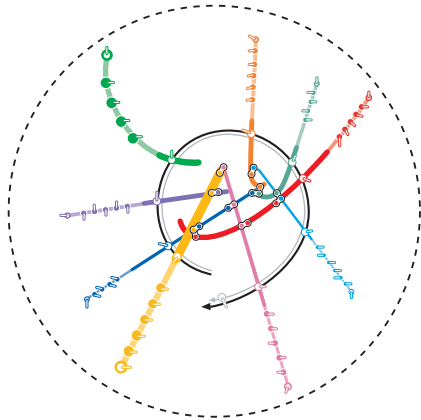
⁵ Wucius WONG, *Princípios da forma e do desenho*, p. 47.

⁶ Veja, na DVDteca Arte na Escola, um documentário sobre eles.

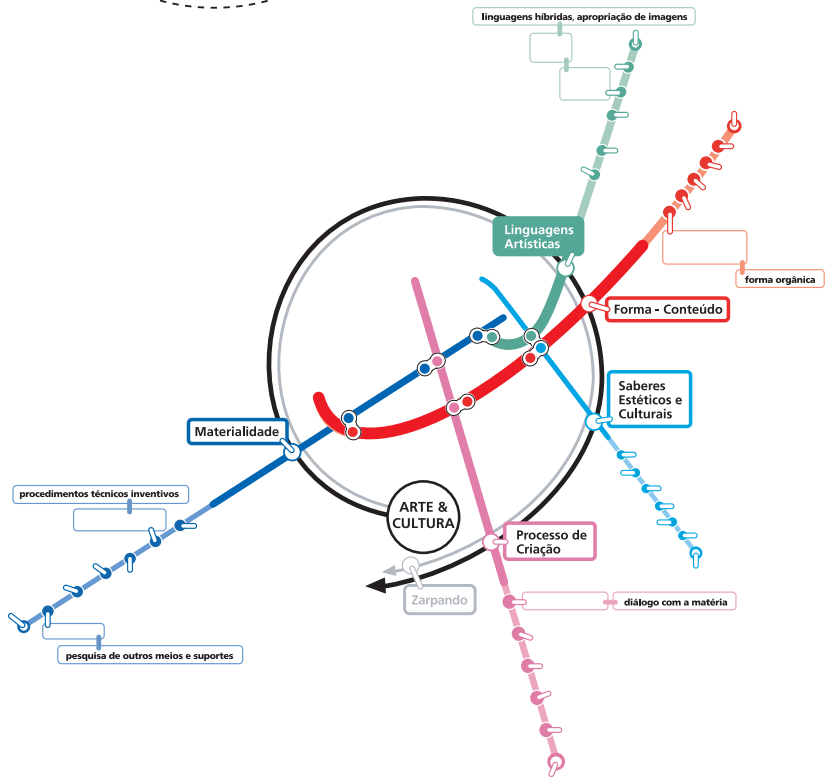
⁷ ORTHOF, Sylvia. *Os bichos que tive: memórias zoológicas*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983.

⁸ A papelagem ou papietagem é uma técnica relativamente fácil para a produção de trabalhos tridimensionais. Pode-se fazer estruturas com canudos feitos em jornal (bem apertados para ficarem bem firmes), e depois cobri-las com pedaços de papel encharcados com cola branca. Quanto mais camadas, mais resistente fica a forma criada. Depois, é só pintar.

⁹ MEURIS, Jacques. *Magritte*. Köln: Taschen, 1993, p. 12.



Mapa potencial
RECORTES DE
LEDA CATUNDA



Patrocínio



Organização



www.artenaescola.org.br